

Políticas de Ambiente de Negócios em Portugal

1 - O que é o Ambiente de Negócios?

O Ambiente de Negócios consiste no contexto legal e administrativo que enquadra a criação, sustentabilidade e encerramento de empresas, definindo a envolvente que uma empresa encontra num determinado país. O ambiente de negócios pode ter um efeito positivo ou negativo no desenvolvimento da actividade económica desse país se as suas diversas dimensões (regulação de mercados, acesso a financiamento, sistema fiscal, justiça, etc.) forem, em comparação com outras economias, mais ou menos favoráveis à atracção de investimento.

A implementação de medidas facilitadoras de investimento que proporcionem um melhor ambiente de negócios às empresas ganhou relevância a nível mundial nos anos 1990, especialmente no contexto da formalização de acordos regionais de integração económica. Quando estes acordos resultam na redução dos custos de transacção e quando a definição das políticas nacionais é coordenada para formar um mercado comum, como acontece na União Europeia, os países tendem a dar mais importância a este tipo de medidas para se diferenciarem entre si e serem competitivos na atracção de investimento.

Neste âmbito, o presente texto pretende apresentar a fundamentação económica e divulgar as linhas gerais da actual política pública relativa às várias dimensões do ambiente de negócios, e apresentar a evolução recente de alguns indicadores nesta área. O ponto seguinte apresenta os fundamentos de uma política pública para o ambiente de negócios e o ponto 3 associa as principais medidas recentemente implementadas às razões económicas que lhes servem de base justificativa. O ponto 4 apresenta indicadores nacionais e comparativos com países da UE e o ponto 5 conclui.

2 – Razões de uma Política de Ambiente de Negócios

As características do ambiente de negócios são determinadas de três formas: os serviços prestados pelo Estado à sociedade; a regulação da actividade económica (que por sua vez também é um serviço prestado pelo Estado); e o funcionamento dos mercados. Estas três componentes dividem-se, por sua vez, em várias dimensões. O *Ease of Doing Business Index*, o relatório mais relevante na avaliação deste tema que o Banco Mundial (2010) anualmente publica, classifica o ambiente de negócios com base em dez áreas: como iniciar um negócio, licenciamento, mercado de trabalho, registo de propriedades, acesso a financiamento, protecção dos direitos dos investidores, sistema fiscal, comércio internacional, sistema legal e como encerrar um negócio. Apesar de este relatório não reflectir áreas relevantes para o ambiente de negócios como a estabilidade política e macroeconómica, o nível de infra-estruturas ou o funcionamento das instituições, e de apresentar algumas limitações estatísticas, desperta um interesse muito diversificado, sendo utilizado pela comunidade empresarial, pelas administrações públicas, por organizações internacionais e por investigadores.

Esta multiplicidade de factores não invalida que a atractividade do ambiente de negócios esteja dependente do papel do Estado enquanto regulador e fornecedor de serviços, apesar de os agentes privados também serem relevantes pelas relações que vão estabelecer com os novos investidores, quer como concorrentes quer enquanto clientes ou fornecedores de bens e serviços. Neste âmbito, as políticas públicas têm um impacto mais imediato nos requisitos legais e administrativos, que se traduzem em custos para as empresas, através da criação de condições de simplificação, transparência e uniformidade de tratamento dos investidores em todos os procedimentos necessários ao desenvolvimento da actividade económica.

Este esforço da Administração Pública pode assentar na criação de um enquadramento legal para o desenvolvimento de uma actividade específica, caso este não exista, e na redução ou eliminação da carga administrativa suportada pelas empresas.

A literatura formaliza e apresenta evidência empírica do papel desincentivador do investimento que o Estado pode ter se a prestação de serviços e a regulação da actividade económica não forem efectuadas de uma forma economicamente eficiente. No que se refere à regulação da actividade económica, a literatura baseia-se em duas abordagens principais. A primeira, baseada em Pigou (1938), justifica a regulação com a defesa do interesse público via correcção de falhas de mercado. A segunda abordagem, desenvolvida pela escola da escolha pública e por economistas como Tullock (1967) ou Stigler (1971), realça a potencial ineficiência associada à regulação ao apresentar a perspectiva de que a intervenção do Estado pode ser implementada de forma a servir os interesses de burocratas que querem aumentar o poder ou manter o lugar, ou de políticos que querem ser reeleitos, ou ainda que pode ser “capturada” para benefício das empresas instaladas no mercado, dando-lhes maior poder e beneficiando-as com as respectivas rendas. Esta perspectiva mostra que se a regulação não for implementada correctamente pode desincentivar o investimento e, conseqüentemente, o emprego e o crescimento económico.

Nas políticas de simplificação aqui consideradas a perspectiva de “captura” da intervenção do Estado não se aplica no que se refere à concessão de subsídios ou à manutenção de rendas que favorecem algumas empresas privadas. Contudo, a flexibilização da legislação pode ser prejudicial para o bem estar social se, com a sua implementação, a acção do Estado deixar de contribuir para a correcção de falhas de mercado como as relativas a externalidades negativas (segurança alimentar, saúde pública ou outra) resultantes do actividade económica.

Em termos empíricos, a literatura apresenta evidência significativa dos efeitos negativos da regulação excessiva na actividade económica. O ambiente de negócios influencia a percepção dos investidores sobre os proveitos e custos associados a um projecto de investimento. No caso de processos excessivamente complexos, estes custos poderão constituir na prática uma barreira à entrada de novas empresas, especialmente as de pequena e média dimensão, limitando desta forma a contestabilidade e o número de concorrentes no mercado e proporcionando maior lucro aos investidores que nele operam. No âmbito da atractividade de um país para investidores não residentes, os efeitos negativos da regulação ineficiente são confirmados por Caves (1996), Dunning (1998) ou Blonigen (2005). Em termos mais detalhados, estudos sobre os efeitos do sistema legal, funcionamento da justiça, sobre os custos com o comércio internacional, sobre incentivos fiscais e taxas de imposto sobre as empresas ou sobre a protecção dos direitos dos credores ou dos investidores, demonstram a relevância do ambiente de negócios. Alesina et al (2005) e Djankov et al (2002b, 2009), que usam informação para países desenvolvidos e em desenvolvimento, mostram os custos da regulação para a abertura de novas empresas. Na área da concessão de licenças para a prática de advocacia, Pagliero (2005) conclui que a regulação beneficia os rendimentos dos advogados que detêm a licença em prejuízo dos consumidores e do bem-estar da sociedade. Hajkova et al (2006) mostram que procedimentos regulatórios simples facilitam os fluxos de investimento. Finalmente, o nível de regulação do mercado laboral e outros aspectos relacionados com o ambiente de negócios como menores custos laborais e actividade sindical têm também um efeito positivo no investimento.

Os resultados apresentados tornam evidente a necessidade das administrações públicas simplificarem processos associados à prestação de serviços e à actividade reguladora, de forma que o investimento seja facilitado e a criação de emprego e o crescimento económico promovidos. Mas a dificuldade que os decisores públicos têm em aceder a toda a informação necessária para uma óptima implementação de políticas de ambiente de negócios torna necessária a cooperação entre o Estado e os restantes agentes, pois só desta forma é que o fornecimento de bens e serviços públicos (regras, organizações, infra-estruturas, qualificações) pode ser perfeitamente ajustado às necessidades dos mercados. O ponto seguinte apresenta as principais medidas relativas ao ambiente de negócios tomadas em Portugal nos últimos anos.

3 – Políticas públicas de ambiente de negócios

As políticas públicas orientadas para a simplificação do ambiente de negócios estão enquadradas pelo Programa de Acção para Redução dos Encargos Administrativos na União Europeia, aprovado pelo Conselho Europeu no âmbito da Estratégia de Lisboa. Este programa prevê que, até 2012, sejam reduzidos em 25% os encargos administrativos para as empresas decorrentes de legislação e regulamentação europeias.

Portugal iniciou a implementação de uma reforma visando a simplificação administrativa através do programa Simplex. Com este programa (em coordenação com outros como o *Legislar Melhor*) foi estabelecido o compromisso de redução em 25% dos encargos administrativos impostos por normas legais e regulamentares de origem nacional ou comunitária que incidem sobre as empresas. Este objectivo surge na sequência de alguns relatórios internacionais sobre as condições de atractividade do país, que referiam explicitamente a necessidade de maior simplificação administrativa nesta área, e responder à crescente exigência das empresas com a qualidade dos serviços públicos. O programa Simplex resulta, por isso, da necessidade de apoiar as empresas através da redução ou eliminação dos custos e carga administrativa.

As medidas de simplificação podem incidir em duas vertentes principais, consoante se trata da redução ou da eliminação dos procedimentos associados a um acto administrativo necessário para que as empresas desenvolvam a sua actividade. A diferença entre as duas vertentes é que, no primeiro caso, o acto administrativo torna-se mais célere mas continua a existir, mas no segundo caso este mesmo acto deixa de ser requerido. Esta distinção é relevante no âmbito da função de regulação que incumbe aos Estados, e o objectivo de facilitar as obrigações legais das empresas não deve ser alcançado com prejuízo desta função necessária para o bom funcionamento dos mercados. Existe ainda uma terceira vertente que não é de simplificação mas se refere à criação de um enquadramento legal quando este não existe, como aconteceu, por exemplo, com a legislação sobre a actividade dos “business angels” implementada em 2007 (Decreto-lei nº 375/2007, de 8 de Novembro).

Em termos genéricos, estes dois conjunto de medidas estão directamente relacionadas com o momento da incidência da regulação dos mercados, *ex-ante* ou *ex-post*. Na perspectiva do Estado, a escolha racional sobre o momento de regulação deve seguir os critérios de eficácia relativa e dos custos administrativos para a administração pública das duas opções. Em ambos os momentos de incidência da regulação dos mercados existe um efeito dissuasor de práticas lesivas para a sociedade. No primeiro caso, a regulação visa prevenir a ocorrência de resultados negativos em termos de bem-estar social, enquadrando-se, neste caso, as medidas de redução de custos e procedimentos. A regulação *ex-post* actua no sentido correctivo e deve conjugar a eliminação de procedimentos com acções sancionatórias como multas ou mesmo a proibição da actividade por parte do agente prevaricador, quando a regulação ainda for considerada necessária. A opção que deve predominar é a que for mais eficaz e apresentar menores custos operacionais (as medidas implementadas recentemente em Portugal que visam reduzir o tempo e custos, e que se enquadram numa acção preventiva ou fiscalizadora são apresentadas a seguir).

Os objectivos das medidas são: limitar as perdas de capacidade competitiva das empresas motivadas pela ineficiente regulação dos mercados; tornar Portugal mais atractivo para os investidores nacionais e estrangeiros; e promover uma administração pública que seja mais responsabilizável perante as empresas.

As medidas implementadas respondem também a alguns dos aspectos previstos pela literatura económica e abordados no ponto anterior. A maior celeridade na constituição e liquidação de empresas contribui para uma maior eficiência na afectação dos recursos na sociedade portuguesa. A simplificação ou eliminação de requisitos legais, procedimentos administrativos e custos financeiros facilita o desenvolvimento da actividade das empresas nos mercados nacional e externo. Estes aspectos são relevantes para a competitividade das empresas, especialmente das PME, em que estes custos têm um peso relativo superior. Outras medidas para melhorar o ambiente de negócios incluem o maior acesso das empresas ao crédito (e.g. linhas PME Investe)

ou a flexibilização do mercado de trabalho (reforma do código laboral implementada em 2008).

Os efeitos destas medidas de política pública são qualificadas como positivas, quer, no caso do Simplex, pela aplicação do “Standard Cost Model” (modelo holandês referenciado pela Comissão Europeia para identificar e quantificar os encargos administrativos impostos às empresas pela legislação em vigor), quer na apreciação da OCDE, através do relatório *Making life easy for citizens and businesses in Portugal – Administrative Simplification and e-Government*, realizado em 2008 a pedido do nosso país, e da análise que efectuou sobre a regulação em Portugal. Apesar da avaliação das medidas de política pública não ser feita de forma exaustiva, a sua implementação tenderá a ser reflectida, pelo menos parcialmente, na evolução dos indicadores a seguir apresentados.

4 – Indicadores de ambiente de negócios

Actualmente são publicados diversos relatórios internacionais em que a performance de um grupo de países relativamente ao seu ambiente de negócios é comparada. Os indicadores dos diversos relatórios mostram que, tirando algumas excepções, se observa uma melhoria no ambiente de negócios em Portugal. Esta melhoria resultou do esforço realizado ao nível das políticas públicas no sentido da redução dos procedimentos, do tempo e do custo necessários para a execução dos actos administrativos obrigatórios para as empresas.

Uma das vertentes das melhorias introduzidas refere-se à desmaterialização de processos. A informação em anexo apresenta a disponibilização pelo Estado português de serviços *on-line* e a sua utilização pelas empresas. Estes valores comparam favoravelmente com a média da zona Euro no que se refere ao *e-government* disponível *on-line* (100% contra 77,38% na zona euro) mas desfavoravelmente na utilização pelas empresas (77% contra 80,94% na zona Euro).

Na edição de 2011 do *Ease of Doing Business* Portugal encontra-se em 31º lugar (em 183 países), tendo subido duas posições relativamente ao ano anterior. A evolução dos valores relativos a Portugal na generalidade dos indicadores utilizados por este relatório vai no sentido da redução dos procedimentos, do tempo e do custo necessários para a execução dos actos administrativos considerados. As melhores posições são o 21º lugar no que diz respeito ao Processo de Falência de uma Sociedade, e o 24º na resolução judicial de disputa comercial. Portugal melhora substancialmente no registo de propriedade, o que se explica parcialmente pelo programa Casa Pronta, que disponibiliza um balcão único onde é possível realizar todas as operações relativas à compra e venda de imóveis.

As excepções a esta melhoria encontram-se nos indicadores relativos ao pagamento de impostos e ao processo de licenciamento. Neste último caso, no entanto, o indicador refere-se apenas à obtenção de uma autorização para a construção de um armazém. As melhorias introduzidas em outras áreas que requerem licença prévia não são reflectidas por este indicador, podendo a informação disponibilizada pelo relatório distorcer a realidade. Em termos gerais, as medidas recentemente implementadas, especialmente no âmbito do Programa Simplex, parecem ter resultado numa efectiva melhoria do ambiente de negócio para as empresas em Portugal.

Apesar das melhorias introduzidas, e de Portugal surgir num *ranking* claramente mais favorável do que a de outros países do sul da Europa como Espanha (49.º), Itália (80.º) ou Grécia (109.º), não se observa uma melhoria substancial da classificação portuguesa quando comparada com outros países. A explicação reside no facto da introdução de reformas nesta área ter sido comum à grande maioria dos países do Mundo, pelo que foram os que mais melhoraram os que subiram nos *rankings* internacionais. A informação anexa compara Portugal com quatro países da UE incluindo Espanha, que é geralmente apontado como o principal concorrente na captação de investimento estrangeiro. Se exceptuarmos o registo de propriedade, em que Portugal é o 2º nos países incluídos na tabela, em todos os outros fica em 3º ou pior. Mesmo no indicador relativo à constituição de uma sociedade, em que se registaram melhorias significativas no número de procedimentos, no número de dias e nos custos necessários para concluir o processo, não foi evitada uma queda no *ranking* geral.

Esta evolução foi semelhante em outros relatórios internacionais. No Worldwide Governance Indicators, Portugal melhorou em metade dos indicadores mas a sua pontuação diminuiu na outra metade, nomeadamente na qualidade regulatória, na estabilidade política e no cumprimento da lei. No índice de Liberdade Económica, Portugal baixou no *ranking* entre 2009 e 2010, sendo este resultado influenciado pela baixa classificação ao nível da despesa pública, dos impostos e das condições do mercado de trabalho.

Finalmente, a informação relativa ao relatório Going for Growth mostra também que a evolução positiva registada no caso português foi acompanhada por melhorias nos outros países.

Estes resultados indiciam que apesar do grande esforço registado nos últimos anos persiste ainda um caminho a percorrer no sentido do melhoramento de alguns indicadores do ambiente de negócios. Em áreas como o pagamento de impostos, alguns processos de licenciamento, os procedimentos e o tempo associado a operações de comércio internacional ou o nível de despesa pública, é necessária a implementação de medidas de política pública que simplifiquem os procedimentos e reduzam os custos para as empresas.

A implementação de medidas de simplificação administrativa é ainda necessária para alterar a percepção, muitas vezes diferente da dos empresários portugueses, que os executivos de empresas multinacionais têm acerca de Portugal. A informação baseada em inquéritos de opinião mostra que, na percepção destes executivos, o aspecto mais prejudicial para Portugal é o que se refere ao sistema legal, nomeadamente o cumprimento da lei e a administração da justiça, e a regulamentação do mercado de trabalho. Esta percepção difere da apresentada no inquérito realizado pela Ernst & Young (2010), em que é destacada a necessidade da diminuição dos encargos e complexidade fiscais (nomeadamente a nível do IVA e IRC), da simplificação da interacção entre empresas e a administração fiscal e do aumento da eficiência do sistema judicial, mas onde não é dada tanta relevância ao funcionamento do mercado de trabalho.

5 – Conclusão

O fomento de um ambiente de negócios atractivo é essencial para estimular novos investimentos, incluindo Investimento Directo Estrangeiro, de modo a aumentar a competitividade e o crescimento da economia portuguesa. O esforço recentemente realizado ao nível das políticas públicas, especialmente através do Programa Simplex, traduziu-se na melhoria do ambiente de negócios para as empresas. A intenção foi intervir em variáveis que poderiam melhorar a atractividade do mercado português enquanto localização para o investimento como a abertura de empresas, os procedimentos administrativos necessários para o início de actividade, a transparência do enquadramento legal e a liberalização dos mercados de serviços. Exemplo de redução ou eliminação de custos e de carga administrativa podem ser observados em medidas como “Empresa na hora”, “Informação Empresarial Simplificada”, o Regime de Exercício da Actividade Industrial ou a reforma laboral de 2008.

À semelhança do que acontece em outros países europeus, estas medidas levaram, em muitas ocasiões, à eliminação de procedimentos e respectiva substituição por uma regulação *a posteriori*, baseada na fiscalização da actividade económica. Esta maior aposta na regulação *ex-post* tem, no entanto, os seus riscos para o funcionamento eficiente dos mercados. Para que a fiscalização funcione é necessário que haja suficientes meios e pessoal especializado, o que requer recursos e demora algum tempo a alcançar.

Por outro lado, Portugal não foi o único país que efectuou reformas no sentido de tornar o ambiente de negócios mais atractivo. A generalidade dos países, e os estados membros da UE, procuraram melhorar o respectivo ambiente de negócios nacional e tornarem-se atractivos para o desenvolvimento da actividade económica. Esta “concorrência” entre países teve como consequência que as melhorias implementadas em Portugal nem sempre se reflectiram em subidas nos *rankings* apresentados pelos relatórios internacionais.

Por todos estes motivos, o esforço no sentido de melhorar o ambiente de negócios em Portugal, e de mudar a percepção externa relativamente ao mercado português, deverá continuar. Existem diversas áreas com espaço para melhoria, nomeadamente no que se refere ao funcionamento da justiça, à transparência do sistema legal ou à simplicidade do sistema fiscal. Da mesma forma, outras condições do ambiente de negócios como a estabilidade macroeconómica ou o nível de economia paralela poderão também ser alteradas no sentido de aumentar a atractividade do país.

Portugal

Quadro 1 - Principais Indicadores de Ambiente de Negócios (2006-2010)

INDICADOR	UN	ANOS									
		2006 (1)		2007 (2)		2008 (3)		2009 (4)		2010 (4)	
Constituição de uma Sociedade:											
Procedimentos	nº	8	Posição ranking	7	Posição ranking	6	Posição ranking	6	Posição ranking	6	Posição ranking
Dias	nº	8,00	33,00	7,00	38,00	6,00	34,00	6,00	60,00	6,00	59,00
Custo(% Rendimento Interno Bruto p capita)	%	7,90		7,00		7,00		6,40		6,50	
Processo de Licenciamento:											
Procedimentos	nº	20,00	Posição ranking	20,00	Posição ranking	21,00	Posição ranking	19,00	Posição ranking	19,00	Posição ranking
Dias	nº	327,00	115,00	327,00	112,00	328,00	128,00	287,00	111,00	272,00	111,00
Custo(% Rendimento Interno Bruto p capita)	%	60,30		54,00		53,50		52,90		53,90	
Registo de Propriedade:											
Procedimentos	nº	5,00	Posição ranking	5,00	Posição ranking	5,00	Posição ranking	5,00	Posição ranking	1	Posição ranking
Dias	nº	81	98	42	65	42	79	12	52	1	31
Custo (% do valor da propriedade)	%	7,4		7,4		7,4		7,4		7,4	
Resolução Judicial de Disputa Comercial:											
Procedimentos	nº	35	Posição ranking	35	Posição ranking	34	Posição ranking	31	Posição ranking	31	Posição ranking
Dias	nº	577	35	577	49	577	34	547	25	547	24
Custo em % da dívida	%	14,2		14,2		14,2		13		13	
Processo de Falência de uma Sociedade:											
Anos	nº	2	Posição ranking	2	Posição ranking	2	Posição ranking	2	Posição ranking	2	Posição ranking
Custos em % do espólio	%	9	18	9	20	9	21	9	22	9	21
Tx recuperação decorrente do processo	cênt./\$	75		74		69,4		69,4		72,6	
Pagamento de Impostos:											
Pagamentos	nº	8	Posição ranking	8	Posição ranking	8	Posição ranking	8	Posição ranking	8	Posição ranking
Horas a dispendir no pagamento	nº	328	61	328	66	328	73	328	80	298	73
Total do imposto a pagar(% do lucro bruto)	%	45,2		44,8		43,6		42,9		43,3	
Exportação:											
Documentos	nº	4	Posição ranking	4	Posição ranking	4	Posição ranking	4	Posição ranking	4	Posição ranking
Dias	nº	16		16		16		16		16	
Custos	contentor	580		580		685		685		685	
Importação:											
Documentos	nº	5	27	5	31	5	33	5	19	5	27
Dias	nº	16		16		16		15		15	
Custos	contentor	994		994		999		999		999	

Fonte: Doing Business 2011

Notas: (1) 175 economias; (2) 178 economias; (3) 181 economias; (4) 183 economias

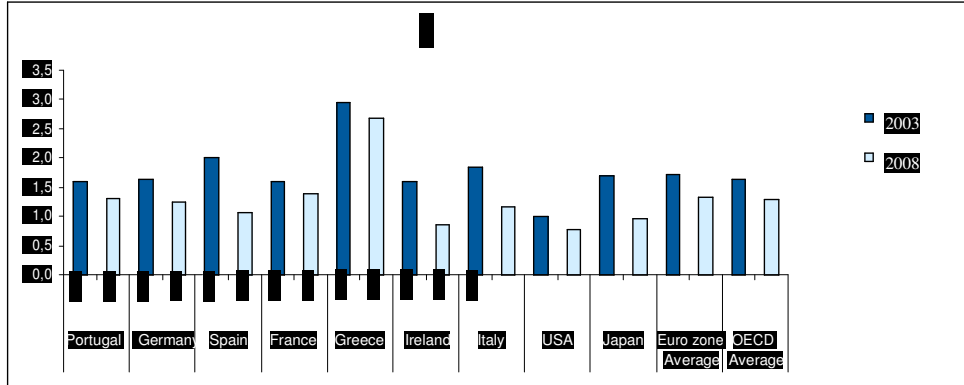
Quadro 2 - Principais Indicadores de E-Government (2003-2009)

INDICADOR	UN	ANOS						
		2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Utilização do e-government pelas empresas	%	...	57	58	60	72	75	77
E-government disponível on-line	%	37	40	...	60	90	...	100

Fonte: eurostat

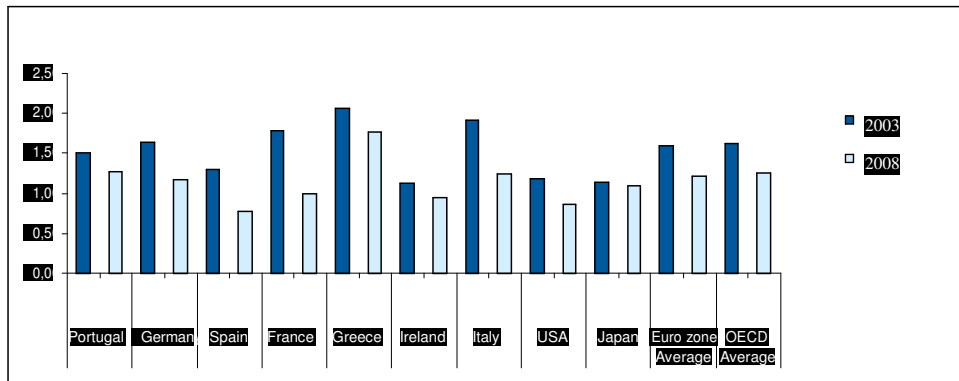
Comparações internacionais

Figura 1 – Restrictiveness Index



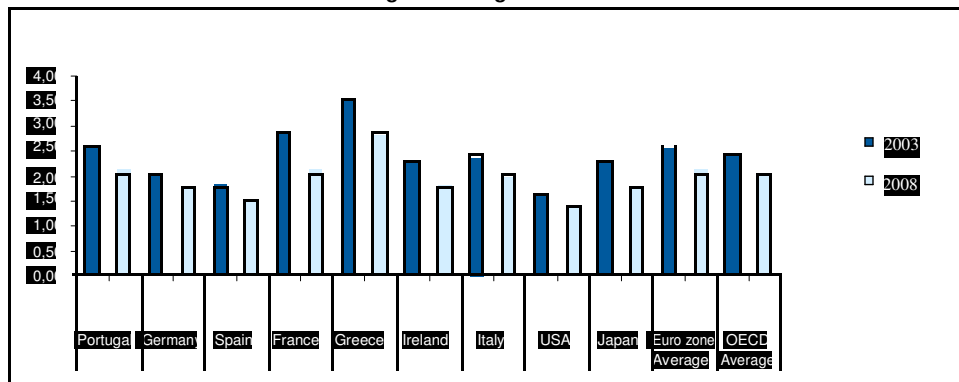
Fonte: Cálculos GEE com base no Going for Growth 2010 (O Índice de Restritividade resulta de uma média simples de três indicadores do relatório internacional Going for Growth 2010: Restrictiveness of economy-wide product market regulation, Restrictiveness of extent of severity of administrative regulation and Restrictiveness of regulatory burden on business procedures. O valor de cada um dos indicadores é atribuído segundo uma escala de índice de 0-6 do menos para o mais restritivo.)

Figura 2 – Administrative Index



Fonte: Cálculos GEE com base no Going for Growth 2010 (O Índice Administrativo resulta de uma média simples de quatro indicadores do relatório internacional Going for Growth 2010: Administrative burdens on corporations and sole proprietor start-ups, Legal barriers to entry in industries, Complexity of administrative procedures and Barriers to foreign direct investment. O valor de cada um dos indicadores é atribuído segundo uma escala de índice de 0-6 do menos para o mais restritivo.)

Figura 3 – Regulation Index



Fonte: Cálculos GEE com base no Going for Growth 2010 (O Índice de Regulação resulta de uma média simples de cinco indicadores do relatório internacional Going for Growth 2010: Sectoral regulation in Electricity sector, Sectoral regulation in Gas sector, Sectoral regulation in Telecommunications sector, Sectoral regulation in Retail sector and Sectoral regulation in Professional services. O valor de cada um dos indicadores é atribuído segundo uma escala de índice de 0-6 do menos para o mais restritivo.)

Quadro 3 - Principais Indicadores de Ambiente de Negócios (2010)

INDICADOR	UN	PAÍSES									
		Portugal		Finlândia		Irlanda		França		Espanha	
Constituição de uma Sociedade:											
Procedimentos	nº	6	Posição ranking	3	Posição ranking	4	Posição ranking	5	Posição ranking	10	Posição ranking
Dias	nº	6	59	14	32	13	11	7	21	47	147
Custo(% Rendimento Interno Bruto p capita)	%	6,5		1,1		0,4		0,9		15,1	
Processo de Licenciamento:											
Procedimentos	nº	19	Posição ranking	18	Posição ranking	11	Posição ranking	13	Posição ranking	11	Posição ranking
Dias	nº	272	111	66	55	192	38	137	19	233	49
Custo(% Rendimento Interno Bruto p capita)	%	53,9		134,2		57,8		23,6		47,4	
Registo de Propriedade:											
Procedimentos	nº	1	Posição ranking	3	Posição ranking	5	Posição ranking	8	Posição ranking	4	Posição ranking
Dias	nº	1	31	14	26	38	78	59	142	18	54
Custo (% do valor da propriedade)	%	7,4		4		6,3		6,1		7,1	
Resolução Judicial de Disputa Comercial:											
Procedimentos	nº	31	Posição ranking	32	Posição ranking	20	Posição ranking	29	Posição ranking	39	Posição ranking
Dias	nº	547	24	375	11	515	37	331	7	515	52
Custo em % da dívida	%	13		13,3		26,9		17,4		17,2	
Processo de Falência de uma Sociedade:											
Anos	nº	2	Posição ranking	0,9	Posição ranking	0,4	Posição ranking	1,9	Posição ranking	1	Posição ranking
Custos em % do espólio	%	9	21	4	6	9	9	9	44	11	19
Tx recuperação decorrente do processo	cênt./\$	72,6		89,4		87,4		45,2		76,3	
Pagamento de Impostos:											
Pagamentos	nº	8	Posição ranking	8	Posição ranking	9	Posição ranking	7	Posição ranking	8	Posição ranking
Horas a dispendir no pagamento	nº	298	73	243	65	76	7	132	55	197	71
Total do imposto a pagar(% do lucro bruto)	%	43,3		44,6		26,5		65,8		56,5	
Exportação:											
Documentos	nº	4	Posição ranking	4	Posição ranking	4	Posição ranking	2	Posição ranking	6	Posição ranking
Dias	nº	16		8		7		9		9	
Custos	por contentor	685		540		1109		1078		1221	
Importação:											
Documentos	nº	5	27	5	6	4	23	2	26	7	54
Dias	nº	15		8		12		11		10	
Custos	por contentor	999		620		1121		1248		1221	

AMBIENTE DE NEGÓCIOS

Jan 2011

Rankings

Portugal

Doing Business 2011

	Facilidade em Fazer Negócios <i>Ease of Doing Business Rank</i>	Criação de empresas <i>Starting a Business</i>	Processo de licenciamento de construção <i>Dealing with Construction Permits</i>	Contratações e despedimentos <i>Employing Workers</i>	Registo de propriedade <i>Registering Property</i>	Obtenção de crédito <i>Getting Credit</i>	Proteção dos investidores <i>Protecting Investors</i>	Fiscalidade <i>Paying Taxes</i>	Procedimentos alfandegários <i>Trading Across Borders</i>	Cumprimento de contratos comerciais <i>Enforcing Contracts</i>	Encerramento de empresas/balancas <i>Closing a Business</i>
2011	31	59	111		31º	89	44	73	27º	24	21
2010	33	60	111	171º	52º	87	41	80	19º	25	22

O Índice "Facilidade em Fazer Negócios" baseia-se em dados que cobrem o período de Junho de 2009 a Junho de 2010. O título refere-se a 2010, uma vez que pretende reflectir o ambiente de negócios que o empreendedor pode esperar encontrar naquele ano. Este índice é apresentado como um ranking que compara 183 economias e incide em 10 áreas de negócios que podem ser afectadas por regulamentações em vigor.

Fonte: Doing Business 2011 Rankings, Banco Mundial

Worldwide Governance Indicators - 2010

	Responsabilização <i>Voice and Accountability</i>	Qualidade regulatória <i>Regulatory Quality</i>	Estabilidade política e ausência de violência <i>Political Stability and Absence of Violence</i>	Cumprimento da Lei <i>Rule of Law</i>	Eficácia do Estado <i>Government Effectiveness</i>	Controlo da Corrupção <i>Control of Corruption</i>
2009	89,10	80,50	74,50	83,50	85,20	81,90
2008	88,00	82,10	79,90	83,70	82,10	80,70

Este estudo mede seis dimensões de governança, não existindo um Índice agregado global de governança, mas seis dimensões agregadas, calculadas com base nas variáveis individuais, retiradas de 35 fontes de informação e construídas por 33 organizações diferentes, com recurso a inquéritos de percepção ("surveys") e a "expert polls". Os resultados são apresentados sob a forma de ranking em percentil, variando entre 0 e 100, sendo que valores mais elevados significam melhores resultados de qualidade de governança. Considera 213 países e 10 anos: 1996, 1998, 2000 e 2002 a 2009.

Fonte: Worldwide Governance Indicators (WGI), Banco Mundial

Índice de Liberdade Económica 2011 / Index of Economic Freedom 2011

Ranking mundial <i>World Ranking</i>	Índice de liberdade económica <i>Index of Economic Freedom</i>	Dez liberdades económicas / Ten economic freedoms										
		Liberdade de negócio <i>Business Freedom</i>	Liberdade de comércio <i>Trade freedom</i>	Liberdade fiscal <i>Fiscal freedom</i>	Nível de despesa pública <i>Government size</i>	Liberdade Monetária <i>Monetary Freedom</i>	Liberdade de Investimento <i>Investment Freedom</i>	Liberdade Financeira <i>Monetary Freedom</i>	Nível de corrupção <i>Freedom from corruption</i>	Direitos de Propriedad e <i>Property rights</i>	Liberdade de trabalho <i>Labour Freedom</i>	
2011	69º	64	37º	12º	162º	153º	19º	38º	38º	35º	26º	169º
2010	62º	64,4	35º	25º	158º	157º	14º	34º	51º	32º	28º	168º

A definição de liberdade económica considerada para efeitos deste relatório abarca todas as liberdades e direitos de produção, distribuição, ou consumo de bens e serviços. O Índice de Liberdade Económica resulta de uma média simples de 10 factores específicos de liberdade económica. A cada uma das 10 liberdades económicas é aplicada uma escala de 0 a 100, onde 100 representa a liberdade máxima, indicando a existência de um ambiente económico ou de um conjunto de políticas mais conducentes à liberdade económica. Os dados de base do Índice de Liberdade Económica 2011 reportam-se a 30 de Junho de 2010. Considera 183 países.

Fonte: 2011 Index of Economic Freedom, Heritage Foundation and Wall Street Journal

Corruption Perceptions Index (CPI) 2010

	2010			2009		
	Rank	União Europeia	Score	Rank	Δ 09/08	Score
Portugal	32º	16º	6,0	35º	-3	5,8

O CPI mede a percepção do grau de corrupção sentido pelos agentes de negócios e analistas (residentes e não residentes) dos diferentes países envolvidos no estudo, cujos dados são recolhidos em surveys levados a cabo por outras entidades. As pontuações variam entre 10 (idóneo) e 0 (muito corrupto). O CPI 2010 é calculado usando dados de 13 fontes oriundas de 11 instituições e considera 178 países.

Fonte: TI Corruption Perceptions Index 2010, Transparency Internacional

The Global Competitiveness Report (GCR) 2010-2011

Portugal	Rank
Global Competitiveness Index (GCI)	46
GCI in EU 27	18
Start a business	13

O World Economic Forum estuda a competitividade das nações através da divulgação anual do Global Competitiveness Report que incorpora um índice de competitividade, na base do qual são construídos rankings de países (139 em 2010-2011). O Global Competitiveness Index é constituído por 3 sub-índices, que integram 12 pilares no total.

Fonte: World Economic Forum, Global Competitiveness Report 2010-2011

European Payment Index

Portugal	UE27
Ano	Rank
2010	185º
2009	184º
2008	183º

O *European Payment Index* evidencia o perigo de as empresas enfrentarem graves dificuldades financeiras ou comerciais devido à incapacidade de lidar com prejuízos resultantes da não cobrança de valores a receber.

Os resultados são baseados em *surveys escritos respondidos por milhares de empresas* de 25 países da Europa, realizados durante os meses de Janeiro a Março de 2010.

Fonte: *European Payment Report 2009, Intrum Justitia*

Ease of Paying Taxes 2011

Portugal	Rank
Ano reportado	
2009	73º

Paying taxes é um relatório anual da PricewaterhouseCoopers e do Banco Mundial, que facilita a comparação directa dos sistemas tributários de um conjunto de países, e ordena cada país de acordo com a sua relativa facilidade de pagar impostos.

O relatório apresenta um ranking da facilidade de pagar impostos, baseando-se em 3 indicadores:

Passos: o número de pagamento de impostos; Tempo: o nº de horas necessárias para as empresas cumprirem as obrigações relacionadas com impostos; Custo: a taxa de imposto total. Considera 183 países.

Fonte: *Paying Taxes 2011, Banco Mundial / PricewaterhouseCoopers*

e-readiness 2010

e-readiness ranking	e-readiness score	Conectividade e infraestrutura tecnológica Connectivity and technology infrastructure	Ambiente de negócios Business environment	Ambiente social e Cultural Social and cultural environment	Contexto legal Legal environment	Política e Visão governamental Government policy and vision	Adopção por empresas e consumidores Consumer and business adoption
2010	28º	6,90	5,40	6,64	7,33	8,35	7,10
2009	28º	6,86	6,10	6,68	6,97	8,00	7,23

O Digital Economy Rankings (anteriormente designado *e-readiness*) mede a qualidade da infraestrutura em TIC de um país e a capacidade dos seus consumidores, empresas e governo em utilizá-las em seu benefício. Neste ranking são avaliados cerca de 100 critérios, qualitativos e quantitativos, organizados em seis categorias que reflectem os temas principais do *e-readiness* e cujas pontuações variam entre 0 e 10. Esta edição cobre 70 países.

Fonte: Digital Economy Rankings 2010, Economist Intelligence Unit

Annual Global e-Government Study, 2007

	2007			2006			
	Rank		Score	Rank		Score	
	Geral	União Europeia		Geral	União Europeia		
Portugal	7º	2º	41	43,8	48º	16º	31,3

Este ranking mede o grau de desenvolvimento do Governo Electrónico em 198 países do mundo, através da análise de vários aspectos incluídos em sites de internet governamentais dos países envolvidos. Considera 1.687 sites de internet governamentais.

Fonte: Brown University

e-Government Readiness Knowledge Base (UNKB)

Portugal	e-government index		e-participation index
Ano reportado	Score	Rank	Score
2010	0,5787	39º	0,2714

O UNKB é uma ferramenta de *benchmark* que proporciona uma avaliação comparativa da capacidade dos países em matéria de *e-Government*, definido como a capacidade ou aptidão do sector público para utilizar as TIC com vista a congregar os serviços públicos e proporcionar ao público, informação de elevada qualidade e ferramentas de comunicação efectiva que sirvam de suporte ao desenvolvimento humano - e o nível de e-Participation - definido como a vontade do governo em utilizar as TIC para proporcionar ao público, conhecimento de elevada qualidade e ferramentas de comunicação efectiva. Considera 192 países.

Fonte: Global E-Governance Survey 2010, Nações Unidas

Posição de Portugal nos rankings da UE no WCY e GCR

DIMENSÃO	WCY 2010 (Executive Opinion Survey)(*)					GCR 2010-2011(Executive Opinion Survey)(**)			
	Evasão fiscal	Economia paralela	Administração da Justiça	Segurança pessoal e propriedade privada	Administração da Justiça	Segurança pessoal e propriedade privada	Eficiência quadro legal	Independência judicial	Protecção da propriedade intelectual
Cumprimento da Lei	20º	17º	23º	14º	21º	16º	16º		
Eficácia do Estado	Adaptabilidade da política governamental	Decisões governamentais	Transparência política governamental	Burocracia	Infraestrutura de distribuição	Infra-estrutura geral			
	16º	14º	22º	14º	13º	12º			
Qualidade regulatória	Legislação sobre concorrência	Facilidade em fazer negócios	Regulamentação do trabalho	Transparência das instituições financeiras	Mercado de capitais	Proteccionismo	Transparência da política governamental		Concorrência local
	15º	13º	22º	17º	13º	14º	18º		17º

Nota: (*) nº de ordem em 24 países da UE, com exclusão de Malta, Chipre e Letónia; (**) nº de ordem na UE27

Fonte: IMD International, *World Competitiveness Yearbook 2010* e World Economic Forum, *Global Competitiveness Report 2010-2011*